

provas fornecidas pelo methodo experimental—cultura e inoculações em animaes—produziram resultados negativos, sancionando, assim, esta conclusão.

DERMATOLOGIA

Contribuição para o estudo da lepra no Estado do Maranhão

PELO DR. NINA RODRIGUES

CAPITULO III

A LEPRÁ NO ESTADO DO MARANHÃO

(Continuação da pag. 83)

III. LESÕES OCULARES. — E' sabido que as estatisticas confeccionadas na Europa assignão uma grande frequencia ás manifestações oculares da lepra.

Entre nós conhecemos apenas o interessante e instructivo trabalho publicado em 1887 pelo Sr. Dr. Azevedo Lima, (1) director do hospital de lazarus da Côrte, em collaboração com o oculista, Sr. Dr. Guedes de Mello. Posto que n'elle se comprehendam leprosos de diversos Estados (4 do Maranhão), não sabemos, que se tenha feito estudo comparativo dos Estados sob este ponto de vista, pois no trabalho do Sr. Dr. Corrêa de Bittencourt (2) que fez como oculista, uma excursão aos Estados do norte, o capitulo consagrado ás manifestações oculares da lepra nada contem de applicação local.

Entretanto, se das manifestações oculares da lepra fôr licito affastar as infiltrações tuberculosas da pelle das palpebras e a alopecia ciliar que é muito frequente, nos parece que as lesões oculares são no Estado do Maranhão, de frequencia menor do que o que lhes assignão as estatisticas europeas, e isto especialmente em relação a lepra anesthesica.

(1) Guedes de Mello e Azevedo Lima. Lesões oculares, nazaes e auriculares da lepra. *Revista Braz. de Ophthalm.* 1888, pag. 49.

(2) Corrêa de Bittencourt. Manifestações oculares dos estados geraes. Maranhão, 1888.

Emittimos todavia sob as maiores reservas esta supposição e principalmente o fazemos com o fim de provocar da parte de observadores competentes uma verificação rigorosa, visto como se funda ella apenas n'uma observação geral e não como era mister em estatisticas seguras para a confecção das quaes nos fallecia na especialidade a competencia requerida.

IV. LEPRA TUBERCULOSA E MIXTA. — Como a tuberculosa a lepra mixta nada offerece de particular n'este Estado.

Julgamos opportuno dar aqui a observação de um caso de lepra mixta que nos parece analogo a um do Dr. Haymann sobre cujo diagnostico manifesta duvidas o Sr. prof. Leloir, (3).

Por infelicidade não podemos offerecer uma gravura deste caso, lacuna, que facilmente desculparão aquelles que conhecem as condições em que se acha o interior dos nossos Estados.

OBSERV. IX. — *Lepra mixta. Tuberculos pediculados, simulando molluscum. Lesões trophicas das extremidades. Notaveis perturbações da sensibilidade. Grande actividade e vigor physicos.* (Observação tomada em fevereiro de 1888).

Ayres, caboclo, de 53 annos de idade, natural do Estado do Maranhão, Anajatuba, residindo na villa de Santa Maria. E' um dos leprosos mais conhecidos do termo, por isso mesmo que está doente ha talvez mais de vinte annos.

Os tuberculos invadem a face, o tronco e os membros.

Não tem o facies leonino classico, mas apresenta uma infiltração de côr vermelha carregada na fronte, nas bochechas e nas orelhas que estão muito volumosas. Encontrão-se tuberculos salientes, alguns pediculados nos sobr'olhos, nos lobulos das orelhas e principalmente na aza esquerda do nariz.

A voz é nasal e o nariz está achatado, em consequencia de uma rhenite chronica que apresenta. Alopecia dos cilios e supercilios. Cabellos e barbas grisalhos.

Torna-se porem interessante neste doente a grande quanti-

(3) Leloir. Traité etc. pag. 45 Notte 2.

dade de tuberculos isolados e implantados n'um fundo constituído pela pelle com os seus caracteres normaes. Encontrão-se sobre quasi toda a região abdominal e na parte inferior da parede anterior do thorax.

D'estes tuberculos que se podem dividir em pequenos, ($0^m,01$); medios ($0^m,02$); e grandes ($0,03$), uns são implantados por uma base larga, outros são mais ou menos pediculados.

Formam-se raros na parte superior do thorax onde apenas se encontram alguns em torno dos mamillos. Ao contrario estendem-se aos órgãos genitae, onde se encontram ainda tuberculos isolados e pediculados, mas de pequenas dimensões, na bainha peniana. Todos estes tuberculos são de uma côr rubra carregada.

Na parte posterior do tronco não se encontram mais tuberculos isolados, mas a pelle apresenta uma infiltração diffusa de côr rubra escura.

Nos membros superiores ha grande numero de tuberculos na face postero-externa dos ante-braços, e d'ahi até a face dorsal das mãos estende-se uma infiltração luzente e de côr arroxçada. Os dedos estão todos reduzidos, em consequencia da atrophia, a pequenos coutos desprovidos de movimentos, mas não ha ulcerações. A perda da sensibilidade tactil dolorosa e thermica é completa, nas mãos e ante-braços.

Encontram-se ulcerações nos cotovellos e pela palpação verifica-se o espessamento dos nervos cubitae.

Nos membros inferiores encontram-se tambem alterações notaveis da sensibilidade nos segmentos inferiores, predominando principalmente uma hyperesthesia exagerada da região plantar, de sorte que o doente quasi não pode pisar. Ha lesões trophicas dos dedos e das unhas. Accusa sensações subjectivas insuportaveis de calor durante o verão, e de frio durante o inverno.

Entretanto este leproso desenvolve uma actividade physica verdadeiramente admiravel, passa dias a cavallo percorrendo

os extensos campos de crear do termo e dormindo muitas vezes ao relento. E' muito considerado entre os vaqueiros pelo conhecimento que tem de toda a creação vaccum da localidade.

Os apparatus da vida organica funcionam mais ou menos regularmente.

V. EVOLUÇÃO DA LEPRA. — A marcha e a duração da lepra no Estado do Maranhão variam sensivelmente com as condições sociaes dos doentes e com a maior ou menor resistencia que offerece a predisposição hereditaria.

Em geral a molestia é de evolução lenta, mas se não temos conhecimento de muitos casos de uma terminação galopante, tambem não conhecemos durações de 40, 50, 60 e mais annos, mesmo na forma anesthesica que é de evolução mais demorada.

Analysaremos no capitulo seguinte, com o rigor que o assumpto requer, a parte que cabe neste resultado ao criminoso abandono em que vivem os leprosos.

Dos casos que observamos, apenas em um podemos considerar esgotada a infecção leprosa, o doente da obs. VI. Certamente persistiam até mesmo processos ulcerativos, mas parece que estas lesões se devem considerar hoje residuos de natureza trophica, de infecção geral e tributarios de uma affecção secundaria do systema nervoso.

Acreditamos, pela observação dos casos que tivemos sob a nossa direcção immediata, que se na forma anesthesica a marcha é lentamente progressiva, na forma tuberculosa commummente a evolução se faz por verdadeiras *poussées* eruptivas, cujos effeitos se accumulam e que entrecortam assim a marcha da molestia de accidentes agudos, constituidos por um apparelho mais ou menos accentuado, lymphatites e outras inflamações, etc.

Como no doente da ob. IX, tivemos frequentemente occasião de verificar a influencia nociva que exerce sobre o desenvolvimento organico a lepra que se manifesta na infancia ou na

adolescencia. E' esta em geral, entretanto, a caracteristica da lepra hereditaria n'aquellas familias em que o legado morbido tem se succedido em muitas gerações.

Não observamos casos de lepra na primeira infancia, e a idade mais baixa em que a vimos* foi dos 7 aos 9 annos. E' principalmente frequente na adolescencia e na virilidade. Na velhice o caso mais interessante que tivemos foi em Anajatuba o de um velho, a quem attribuiam a idade de 93 annos, no qual segundo affirmava a familia, a lepra só tinha se tornado apreciavel aos 88 annos. Devemos dizer que não são raros em Anajatuba casos de longevidade como este.

Os dous sexos são affectados em proporções mais ou menos iguaes, tornando-se symptoma muitas vezes predominante e até inicial as perturbações menstruaes no sexo feminino.

Consideramos de maior valor, como phenomenos iniciaes da lepra principalmente: as epistaxis premonitorias, ainda sem lesão nasal; os desarranjos menstruaes; a anesthesia que nem sempre é precedida da phase hyperesthesica; as manchas, etc.

VI.*Em *conclusão* não nos parece que as condições especiaes de clima e raça tivessem imprimido particularidades no modo da lepra se manifestar e desenvolver no Estado do Maranhão.

CAPITULO IV

O LEPROSO NO ESTADO DO MARANHÃO

Summario. — Leprosos não hospitalisados. O hospital de lazarus de S. Luiz. — Computação approximaða dos Leprosos. — Medidas prophylacticas contra a lepra. — Prophylaxia hospitalar. — Medidas de prophylaxia contra a lepra na população. — Influencia da lepra na expansão demographica e no desenvolvimento economico do Estado do Maranhão.

* I. LEPROSOS NÃO HOSPITALISALOS. — « Quando o Exm. Sr. D. Manoel Joaquim da Silveira veio a esta localidade (Vianna) não se esqueceu dos infelizes lazarus e no dia 30 de Dezembro de 1857, guiado pelo juiz municipal, Dr. Manoel Duarte do Valle, foi ter á morada da desgraça onde escreveu elle « achou os miseros morpheticos habitando em pequeninas casas de

palha, dispersas pelo matto, á mercê da caridade particular somente, e offerecem na sua desgraça o espectáculo mais triste e mais melancolico das eventualidades da vida humana, espelho severo das nossas miserias e dos nossos infortunios. Estão cobertos de andrajos e dormem sobre giraus guarnecidos de palha e excitam a compaixão. Aqui me detive praticando com estas tristes ovelhas e lembrando-lhes os bens que as esperavam na outra vida, se com resignação supportassem as suas dôres e as suas penas, e me pareceu achal-os resignados (4) ».

A unção evangelica com que se exprimio o diocesano da então, acerca dos leprosos de Vianna, em nada preterio a verdade dos factos, e o que n'estes termos escreveu elle em 1857 é ainda a expressão fiel das condições em que vivem os leprosos nos centros do Estado da Maranhão.

Nas primeiras phases da molestia e nos periodos de acalmia intervallares ás *poussées* leprosas, em geral entregam-se os leprosos a trabalhos compatíveis com o estado de suas forças e na esphera a que os condemnam as mutilações variadas que experimentam.

Vimol-os assim lavrarem a terra em pequenas areas, pelos processos rotineiros da nossa agricultura, cultivando o tabaco, a mandioca, cereaes e fructas. Muitos se dão a creação de porcos e aves domesticas; alguns se entregam a pesca, mister em que nas estações propicias se occupa quasi toda a população; outros finalmente, se dão ás industrias rudimentares do interior dos Estados do norte.

Quando sobrevém a cachexia ou graves mutilações, ou ainda durante os periodos agudos, são então condemnados a guardar o leito, ou antes os giraus de madeira e palha, e é então que os acóde a caridade publica.

Não são portanto mendigos ambulantes, e quem os deseja

(4) Dr. Cesar Marques. Dic. Hist. e Geog. da provincia do Maranhão. Maranhão, 1870. Art. *Vianna*, p. 555.

ver é obrigado a ir procural-os nas miseraveis palhoças que habitam.

Entende-se que aquillo que aqui descrevemos diz respeito immediatamente aos leprosos de Anajatuba, onde, de muitos annos, temos tido occasião de acompanhal-os de perto no seu modo intimo de viver.

Em Vianna sabemos por informação fidedigna que persiste o aldeamento descripto pelo bispo D. Manoel.

Os leprosos não hospitalizados nas cidades, — e aqui serve de modelo o que observamos pessoalmente na cidade de S. Luiz, onde exercemos por algum tempo a clinica de pobres, — ou vivem nas casas que os abrigam prestando pequenos serviços domesticos e escondendo apenas ás vistas dos estranhos e das visitas, ou vivem somente reclusos durante o dia, sahindo á noite para mendigar, no que são acompanhados pelos pseudo-hospitalizados.

Tal é o que se observa no Maranhão com os leprosos pobres. Os que dispoem de recursos vivem em companhia dos seus, alguns na mais intima convivencia, alguns guardando certas reservas, principalmente em attenção ás pessoas de suas relações de amizade.

II. HOSPITAL DOS LAZAROS DE S. LUIZ.—Transcrevemos por extenso o artigo que sob este titulo se encontra no Dicc. hist. e geogr. do Estado do Maranhão, do Sr. Dr. Cesar Marques:

« O primeiro que teve esta capital foi edificado em um terreno para esse fim concedido por accordão da camara municipal, de 23 de Novembro de 1830.

« Tinha esse pequeno edificio, situado por detraz do cemiterio da Santa Casa da Misericordia, hoje fechado, as seguintes dimensões:

A' O, fronteiro á rua que sépara do cemiterio 18 braços: á L. a mesma dimensão, e 23 e $\frac{1}{2}$ de cada lado, tanto ao N. como ao Sul.

« No principio da sua edificação, o presidente do Estado,

como provedor, dirigio circulares aos negociantes britannicos pedindo esmolos para coadjuvação d'esta obra e foi attendido por elles.

« Para dar-se principio a este hospital foi necessario requerer o Dr. Antonio Pedro da Costa Ferreira, depois barão de Pindaré, em sessão do conselho do Estado de 28 de Junho de 1826 « que se edificassem dois ou mais hospitaes nos districtos do Estado e que fossem plantados em logares altos e seccos, junto de caudalosos rios e fóra de povoados para se recolherem os lazarentos escravos e livres que vagavam pelas praças publicas clamando rijamente contra o desleixo de nossa policia.

« O conselho da provincia, então composto do presidente Pedro José da Costa Barros e dos Conselheiros Patricio José de Almeida e Silva, José Assencio da Costa Ferreira, Manoel Gomes da Silva Belfort, Antonio Pedro da Costa Ferreira, Ricardo Henrique Leal e Joaquim José Salimo, em 23 de agosto do dicto anno, officiado ao governo imperial, disse que, em virtude da carta de lei de 20 de outubro de 1823, informava haver aqui muitas pessoas atacadas de morphéa, vagando livremente, e esmolando a caridade publica e por isso pedia que para ellas fosse reparado e augmentado o *Lazareto do Bomfim*, considerando-se, pelos rendimentos da provincia certa pensão para seo sustento.

« Declarou tambem, que pelo § 27 do alvará do regimento dado aos provedores-móres de saude em 22 de Janeiro de 1810 fóra decretada a creação de taes lazaretos á custa de certas contribuições, impostas no mesmo regimento, devendo ser adiantada pela thesouraria de fazenda, o que se não fazia.

« Em 14 de julho de 1830 o presidente dirigio-se á camara pedindo-lhe, que indicasse o local mais proprio para edificação de duas barracas de madeira afim de serem recolhidos os lazarus e ao mesmo tempo outro local para a construcção d'um hospital, sendo tudo isso acompanhado do competente orçamento.

«Respondeo a camara em 9 de agosto satisfazendo a requisição da presidencia.

«Em 1833 principiou este estabelecimento a receber morphticos até 1869.

«Estava a cargo da Santa Casa da Misericordia e erão seus infelizes habitantes tractados pelos facultativos do hospital de caridade.

«Esteve no inventario dos bens que possuia a Santa Casa em 1863 no valor de 2:000\$000.

«A sua despeza nesse anno foi de reis 2:347\$284.

«Em 3 de Fevereiro de 1869 o presidente do Estado, então o Desembargador Ambrosio Leitão da Cunha, officiou ao administrador das obras publicas dizendo ser urgente providenciar sobre os infelizes lazaros que vagavão a esmolar por esta cidade durante a noite, por falta de asylo conveniente, e sendo impraticavel qualquer reparo no pequeno edificio arruinado, onde devião estar recolhidos, tinha resolvido mandar edificar um pequeno predio com as accomodações indispensaveis no terreno murado, pertencente a Santa Casa da Misericordia e que confronta pela porta posterior com o *Cemiterio do Gavião*, e por isso lhe pedia com urgencia a planta e o orçamento.

«Principiada esta obra e já depois de consumir-se alguns contos de reis, achando-se na administração do Estado o Dr. Braz Florentino Henrique de Souza nomeou elle em Agosto de 1869 uma commissão composta de engenheiros e medicos para dar o seu parecer, o qual foi contrario ao edificio e á localidade por não preencherem o fim a que se tinha em vista.

«Apezar de tudo isto, depois do fallecimento do Dr. Braz, a obra que estava parada, continuou n'esse mesmo lugar, tão improprio tanto ao physico como ao moral dos infelizes morphticos, *porque collocado esse hospital no terreno que confronta pela parte posterior com o cemiterio do Gavião*, ahi respirão elles o ar mephitico desse cemiterio e tem constantemente diante dos olhos essas scenas lugubres, que diaria e frequentemente se

dão nos enterramentos dos cadáveres e que aterram os bons, quanto mais os doentes e mormente tão desgraçados!

«Finalmente na sessão de 12 de Junho de 1870 o presidente do Estado communicou á mesa administrativa da Santa Casa da Misericórdia, que os lazarus já se achavão habitando este edificio.

«Com os lazarus gasta a Santa Casa por anno 3:000\$000, pouco mais ou menos».

O artigo precedente completa e corrige as informações que sobre este estabelecimento obteve em 1881 o Sr. Dr. José Lourenço a quem tambem citamos por extenso:

«Na capital do Maranhão ha um asylo sobre o qual tenho informações do ex-presidente o Dr. Cincinnato concebida n'estes termos: «Por deliberação da mesa administrativa, em virtude de indicação do governo do Estado, foi estabelecido a 7 de Julho de 1833 em uma pequena casa da rua do Passeio, por detraz do antigo cemiterio d'esta irmandade, o hospital dos lazarus e n'elle recolhidos 28 morpheticos remettidos pelos juizes de paz e outras autoridades da capital.

«O hospital é destinado somente para morpheticos.

«Para as despesas com o custeio deste estabelecimento, inclusive medicamentos, roupa, utensilios, concorre a Santa Casa desde que foi elle fundado, recebendo do Estado de 1861 a 1869 o supprimento de 1:833\$333 annualmente, de 1871 a 1873 o de 2:550\$000 e de 1874 em diante o de 6:000\$000 como auxilio ás despesas feitas com o dito hospital.

«Finalmente, sendo estabelecido o mesmo hospital com o numero de 28 doentes, como já disse, tem-se alli conservado esse numero com pequenas alterações para mais, ou para menos, em consequencia de fallecimentos de uns e entradas de outros, existindo, em 1880 23 e em 1881, 35 doentes».

«O procedimento do Estado do Maranhão, acrescenta o Sr. Dr. José Lourenço, é a este respeito merecedor de elogios, sobre-

tudo se o compararmos com o de outros mais vantajosamente dotados de recursos. Confesso-o com prazer.

«Entretanto não posso, sob o ponto de vista hygienico deixar de accusar a pequenez da casa que serve de hospital, a sua posição central e a collocação atraz de um cemiterio embora antigo».

(Continúa).

THERAPEUTICA

Estudo sobre a coca e a cocaina e suas applicações therapeuticas

PELO DR. JOSÉ PEREIRA REGO FILHO

(Continuação da pag. 228)

Revedo a acção comparativa da cocaina, menthol, e cafeina, chega-se ás seguintes conclusões: — A cocaina actua muito mais pronunciadamente sobre os vasos, a cafeina menos. Empregadas externamente, todas as trez substancias affectam os nervos dos vasos sanguineos do mesmo modo, a saber: como excitantes em pequenas doses, e como paralyzantes em doses maiores.

A cocaina, em uma solução de 1 por 100, dilata os vasos; a cafeina não obstante em igual dose contrahe (114).

O professor Gouguenheim, em uma interessante memoria publicada nos «*Annaes das molestias do ouvido,*» etc, com o titulo «*La cafeine dans la phthisie laryngée,*» lida á Sociedade Franceza de Otologia e Laryngologia, mostra que sua applicação deixou bastante que desejar, fazendo-se necessaria além do chlorhydrato de cafeina que foi o sal empregado, a applicação da cocaina em varios casos de edema da glotte, para debellar o mal. Em um caso de paralyisia dos obductôres ou de espasmo glottico deu bons resultados, porem menos rapidos do que com o emprego do alcaloide da coca. A sedação da dysphagia obteve-se algumas vezes promptamente, mas ordinariamente se

(114) Kruger. *Inaugural Dissertation Berlin* October 26-1888 — *The Therapeutic Gazette of Detroit Michigan* p. 818-December 15, 1885.